

PROCESSOS FONOLÓGICOS SEGMENTAIS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Fernando Moreno da Silva¹

Resumo: O objetivo principal do artigo é sistematizar os processos fonológicos segmentais da língua portuguesa, muitas vezes dispersos e confusos nas discussões linguísticas. Para isso, o artigo faz uma revisão da Fonética e da Fonologia, com suas particularidades, inclusive em relação à forma de transcrição em cada dessas ciências. Em seguida, aborda os aspectos segmentais (consoante, vogal e *glides*) da língua para melhor entendimento e diferenciação de abordagem dos sons. Finalmente, apresentam-se quatro tipos de processos fonológicos segmentais: processos de apagamento, de adição, de transposição e de substituição, com suas respectivas subdivisões.

Palavras-chave: Fonética. Fonologia. Processos fonológicos segmentais.

Abstract: The objective of this paper is to systematize the segmental phonological processes of Brazilian Portuguese, which are frequently confusing in linguistic discussions. To achieve this aim, the article presents a review of phonetics and phonology, with their peculiarities, as well as regarding the form of transcription in each of these sciences. Next, the article presents a discussion of the segmental aspects (consonant, vowel and glides) of language for better understanding and differentiation of approach to sounds. Finally, four types of segmental phonological processes are presented: processes of deletion, addition, substitution and transposition, with their respective subdivisions.

Keywords: Phonetics. Phonology. Segmental phonological processes.

Introdução

No início do século XX, Trubetzkoy (1949) propôs a instituição de duas ciências dos sons da linguagem, sendo uma voltada ao ato de fala (Fonética) e outra, à língua (Fonologia), cada qual com objetivos diferentes de trabalho.

Caracterizando-a de forma genérica, Fonética é uma disciplina descritiva, pois faz a descrição do som real pronunciado pelo falante (som da fala), em especial as particularidades de pronúncia. Já a Fonologia interpreta os resultados apresentados pela transcrição Fonética, ocupando-se do som ideal, abstrato, acima das diferenças individuais de

¹ Pós-doutorando em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP/FCLAr – Bolsista da FAPESP). Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela mesma instituição.

Contato: fermosilva@yahoo.com.br



pronúncia. Enfim, a Fonologia estuda o som que tem determinada função na língua. Sendo interpretativa, essa ciência sempre pressupõe o trabalho do foneticista.

A Fonética relaciona-se com a fala por descrever as particularidades dela. A Fonologia relaciona-se com a língua por descrever um sistema compartilhado por todos (a organização sistemática global dos sons da língua). Assim, Fonética e Fonologia correspondem, respectivamente, à dicotomia fala e língua. Nos termos de Hjelmslev (1975), Fonética equivaleria à substância do plano de expressão; Fonologia, à forma do plano de expressão.

Fonética

A Fonética é uma disciplina antiquíssima. Suas origens provêm do século IV a.C na Índia, feita por Panini (estima-se que viveu entre 520 a 460 a.C.), que descrevia o sânscrito, antiga língua sagrada indiana e descoberta somente no século XVIII. O estudo de Panini é considerado a primeira gramática de uma língua da civilização humana. No Brasil, os estudos fonéticos foram implementados pela primeira vez em 1915, no Maranhão, por Franco de Sá. A Fonética se divide em três áreas (SILVA, 1999, p. 17):

- a) Fonética articulatória: a maneira como os sons são produzidos, ou seja, os movimentos do aparelho fonador na produção dos sons;
- b) Fonética acústica: a maneira como o som é transmitido, isto é, as propriedades físicas (acústicas) dos sons que se propagam através do ar;
- c) Fonética auditiva: como eles são percebidos pelo ouvido.

Dessa forma, a Fonética aborda a produção, a transmissão e a percepção dos sons. A fala é produzida durante a expiração do ar, embora existam também sons produzidos durante a inspiração. Na produção do som, há vários processos envolvidos (CAGLIARI, 1981, p. 12):

- a) neurolinguístico: codificação da língua ainda na mente, como preparação ao que será pronunciado;

- b) aerodinâmico: sistema respiratório, com os sons ejectives, quando a corrente de ar é egressiva, e os implosivos, quando há inspiração do ar;
- c) fonatório: modo como o ar é “excitado acusticamente” ao passar pela cavidade glotal;
- d) articulatório: o movimento da língua na cavidade oral;
- e) acústico: estuda a propagação do som;
- f) auditivo: como se dá a percepção no ouvido.

Dentre os vários processos, todos são interdependentes, sendo, pois, imprescindíveis à fala. Mas há de destacar-se o aerodinâmico, já que a corrente de ar é o principal elemento formador da fala humana.

A fala é produzida por aquilo que se convencionou chamar erroneamente de “aparelho fonador”. O equívoco se dá porquanto não há órgãos única e exclusivamente destinados à produção do som. O que existe é uma anatomia integrada para essa finalidade (CAGLIARI, 1981, p. 9):

- a) parte respiratória: estrutura do processo de respiração, como pulmões, brônquios, traqueia, etc.;
- b) parte fonatória: a laringe e cordas vocais;
- c) parte articulatória: cavidades supraglóticas (elementos situados acima da glote, como língua, cavidades bucais e nasofaríngeas, lábios, velo, etc.).

Transcrição fonética

Pronúncia é a maneira como um som é falado. A tarefa da transcrição fonética é registrar de forma exata as particularidades de uma determinada pronúncia. Na transcrição fonética, os segmentos aparecem dentro de colchetes, fazendo uso do apóstrofo para mostrar o acento tônico da pronúncia. Ex.: eslavo [iz'lavu].

A única forma de representar a pronúncia *sui generis* de cada falante foi dada pelos símbolos do IPA (International Phonetics Association). Com as iniciativas de Paul Passy, professor de inglês na França, e seu discípulo inglês Daniel Jones, o IPA foi criado, no final do século XIX, com base no princípio acrofônico. Nele, o som (S¹) é representado por um símbolo (S²), e o símbolo é representado por um som:

S¹ (possibilidades articulatórias do homem) ↔ S² (marcas e diacríticos)

Com a instituição do IPA, foi possível representar com exatidão a pronúncia de qualquer língua, com todas as possibilidades articulatórias do homem.

A Fonética, por tratar de fenômenos físicos, tem como unidade o fone ou segmento de fala (realização concreta do fonema). Mas, embora se fale em fone, ele não é a unidade mínima da Fonética. Como se verá mais adiante, sua unidade mínima são os traços distintivos (sonoridade, modo e ponto de articulação).

Fonologia

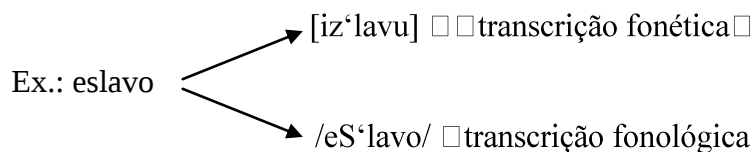
A Fonologia (chamada de “Fonêmica” pelos estruturalistas norte-americanos, sobretudo os seguidores de Kenneth Lee Pike) teve sua origem no século XIX, com os princípios de Ferdinand de Saussure (1857-1913) e, posteriormente, definida no início do século XX por Nikolai S. Trubetzkoy (1890-1938) e Roman Jakobson no Círculo Linguístico de Praga. (LOPES, 1997). A unidade da Fonologia é o fonema, termo criado em 1873 por Dufriche-Desgenettes.

Segundo Borba (1970, p. 186), “compete à fonologia identificar os fonemas, determinar os traços pertinentes, as oposições e correlações e seus tipos.” Sendo os fonemas entidades abstratas e funcionais, parte-se das realizações concretas da fala para chegar ao sistema fonológico da língua, daí a razão pela qual se diz que a fonética é básica para a fonologia.

Além disso, o objetivo da análise fonológica é definir quais sons têm valor distintivo (CAGLIARI, 2002). A Fonologia se vale do fonema, unidade sem significado, mas com função distintiva, ou seja, para determinar a diferença de significado de uma palavra em relação à outra. Ex.: /s, z/ caça e casa.

Transcrição fonológica

Enquanto na transcrição fonética são usados colchetes [], na transcrição fonológica se utiliza barras inclinadas: //.



Ou seja, na transcrição fonética aparecem fonemas e alofones para descrever a pronúncia exata de uma palavra. Na transcrição fonológica, ao contrário, só aparece fonema (forma ideal). As variações são neutralizadas pelo *arquifonema*: fonema em maiúsculo: /S/.

O arquifonema (CALLOU; LEITE, 1990) é um mecanismo do qual a Fonologia se utiliza para marcar a neutralização de alofones (em variação livre ou posicional) e assinalar que justamente naquela posição ocorrem possibilidades diferentes de pronúncia. O arquifonema só ocorre na transcrição fonológica e em final de sílaba (dentro da estrutura silábica, o final de sílaba é conhecido como *coda*). Exemplos de arquifonemas na língua portuguesa do Brasil:

1. /S/

Ex.: pasta e asma

a) transcrição fonética: [ˈpasta] e [ˈazma].

b) transcrição fonológica: /ˈpaSta/ e /ˈaSma/

2. /R/

Ex. porta (seja retroflexa, tap, vibrante)

a) transcrição fonética: [ˈpasta] e [ˈazma].

b) transcrição fonológica: /ˈpoRta/:

3. /N/

Na transcrição fonológica, as vogais nasais são uma sequência de vogal oral seguida do arquifonema /N/.

Ex.: santo

a) transcrição fonética: [ˈsātu]

b) transcrição fonológica: /ˈsaNto/

4. /L/

Ex. salto

a) transcrição fonética: [ˈsaltu] ou [ˈsawtu]

b) transcrição fonológica: /ˈsaLto/

Aspectos segmentais e suprasegmentais

Há dois níveis de abordagem dos sons: aspectos segmentais e suprasegmentais. No nível suprasegmental (só a partir de Bloomfield que se admitiu a existência do fonema suprasegmental), trabalha-se sobretudo com os fenômenos de ritmo e de entoação. O conceito de ritmo (CAGLIARI, 1981, p. 122) está ligado à ideia de tempo e duração, sendo uma sequência de sílabas, ora longa, ora breve. Foneticamente falando, a sílaba é um pulso torácico. A unidade usada para marcar a percepção da duração das sílabas recebe o nome de mora. Ela mede as pausas entre as proeminências vocálicas.

Na entoação (CAGLIARI, 1981, p. 160), analisa-se a tonalidade, ou seja, as variações melódicas da fala dentro da tessitura tonal, medindo o som desde o tom mais baixo até ao mais alto. Desse método advêm os tipos primários de frases: declarativo, interrogativo, imperativo e exclamativo.

Embora os aspectos suprasegmentais ajudem a preencher as lacunas no processo de construção do sentido, a linguística tem se interessado mais pelas características segmentais da fala. Sendo as unidades elementares, esses segmentos podem ser divididos em dois grandes grupos: consoantes e vogais.

Consoante

A consoante é classificada com base em: modo de articulação, ponto (ou lugar) de articulação e sonoridade. Exemplo: [s] = fricativa alveolar surda

a) modo de articulação:

Define-se pelo grau de abertura (passagem de ar).

(i) Oclusiva (bloqueio à corrente de ar): [p, b];

- (ii) Nasal (ressonância na cavidade nasal): [m,n];
- (iii) Lateral (corrente de ar escapa pelos lados da língua): [l, λ];
- (iv) Vibrante (causa vibração): [r] carro;
- (v) Tap: (vibrante simples; batida rápida da ponta da língua). Ex. [ʔ] Araraquara;
- (vi) Fricativa ou constritiva (pressiona a corrente de ar, produzindo fricção, atrito ou ruído): [s, f, z, ʃ];
- (vii) Africada (há uma articulação simultânea na cavidade oral: oclusiva e fricativa): [tʃ] tia.

b) ponto de articulação:

Também chamado de “lugar de articulação”, indica órgãos ou partes dos órgãos envolvidos na articulação. São dois tipos de articuladores:

- (i) articuladores ativos (móveis): língua e lábios;
- (ii) articuladores passivos (imóveis): lábio superior, dentes, alvéolo, etc.

Para a formação do nome “ponto de articulação”, considera-se o encontro ou toque entre os articuladores ativos e os articuladores passivos:

- (i) Bilabial (som produzido pelo contato dos lábios): [p, b, m];
- (ii) Lábio-dental (lábio inferior com dentes superiores): [f,v];
- (iii) Dental (ou linguodental): ponta da língua com dentes incisivos: [t, d, n, l];
- (iv) Alveolar (língua com alvéolo, situado logo acima dos dentes incisivos): [s, z, r];
- (v) Retroflexa (encurvamento da ponta da língua em direção ao palato. É o chamado “r” caipira);
- (vi) Palato-alveolar (língua toca alvéolo e palato): [ʃ] chá;
- (vii) Palatal (dorso da língua com palato ou céu da boca): [λ] palha;
- (viii) Velar (dorso da língua no véu palatino): [k, g];
- (ix) Uvular (som vem da úvula): [x] rua;
- (x) Glotal (som vem da glote): [h] rota.

c) sonoridade (ou vozeamento)

Classificam-se os sons com base na oposição surdo (ou desvozeado) e sonoro (ou vozeado). Os sons sonoros são produzidos com vibrações das cordas vocais. Sem vibrações das cordas

vocais são os sons surdos. As vogais são os sons sonoros por excelência. Já as consoantes podem ser surdas ou sonoras.

Vogal

Os sons vocálicos são classificados:

1. Pelos movimentos da língua:

a) Horizontalmente

- (i) anteriores (ou palatais) é, e, i (a língua avança para frente, no palato);
- (ii) central: a (a língua não se movimenta, fica no centro, em posição neutra);
- (iii) posteriores (ou velares): ó, o, u (a língua avança para trás).

Obs.: anterior significa para frente. Posterior, para trás.

b) Verticalmente

- (i) i, u (fechada ou alta): o lábio inferior sobe, por isso se diz também alta;
- (ii) e, o (meio-fechada): o lábio desce um pouco;
- (iii) é, ó (média aberta): o lábio desce mais um pouco;
- (iv) a (aberta ou baixa): lábio vai lá embaixo.

2. Pelo movimento dos lábios:

- a) Labializadas (ou arredondadas): o, u;
- b) Não labializadas (não arredondadas): a, e, i.

Glides

São mais conhecidos como semivogais, responsáveis pela formação de ditongos.

Ex. **noite**

- ditongo crescente: sequência de glide-vogal. Ex.: páscoa, gênio.
- ditongo decrescente: sequência de vogal-glide. Ex.: biscoito, ouro.

Em transcrições fonéticas, são representados ora por consoantes [j, w], ora por vogais [I, U]. Glides possuem características articulatórias das vogais (sons sonoros) e características combinatórias das consoantes (acompanha a vogal na sílaba). Por isso, recebem os nomes de semivogais e também de semiconsoantes.

Traços distintivos

Inicialmente, a unidade mínima da Fonologia e da Fonética era, respectivamente, o fonema e sua realização, o fone. Hoje, a unidade mínima desse nível linguístico são os traços distintivos. Conforme afirma Jakobson (1967), o fonema é um feixe de traços distintivos (também chamados de merismas ou femas).

Quanto às consoantes, esses traços se classificam de acordo com três fatores: modo de articulação, ponto de articulação e sonoridade. Ex.: traços distintivos de /p/: oclusivo bilabial surdo.

Quanto às vogais, podem ser traços distintivos: posição, altura, arredondamento, cavidade (oral ou nasal) e intensidade (tônica ou átona). Ex. traços distintivos de /e/: anterior, meio-fechada, não arredondada, oral e tônica.

Os fonemas servem para diferenciar signos linguísticos (palavras). Já os traços distintivos, fonemas:

Ex.: /p, b/ - pato / bato

/p/: (oclusivo bilabial surdo)

/b/: (oclusivo bilabial sonoro)

Processos fonológicos segmentais

Processos fonológicos segmentais são alterações de fones ou de fonemas. Por tratar de unidades tanto da Fonética quanto da Fonologia, esse fenômeno deveria receber dois termos: processos fonéticos e processos fonológicos. No entanto, convencionou-se usar apenas a expressão “processos fonológicos”. Também é usado o termo metaplasmos (processo que acrescenta, suprime ou transpõe fonemas numa palavra).

Esses processos podem ser percebidos tanto do ponto de vista sincrônico (num estágio da língua) quanto do ponto de vista diacrônico (estágios sucessivos da língua).

Tipos de processos fonológicos segmentais

Em língua portuguesa do Brasil, os processos fonológicos segmentais podem ser divididos em quatro grupos (BISOL, 2005; LAMPRECHT, 2004, SILVA, 1999):

1. Processos de apagamento;
2. Processos de adição;
3. Processos de transposição;
4. Processos de substituição.

1. Processos fonológicos de apagamento

Apagamento equivale à supressão de um segmento (consoante, vogal ou glide) ou de uma sílaba inteira. Há diversos tipos de apagamento:

a) aférese: apagamento de segmento inicial de palavra, produzindo formas aferéticas.

- (i) enamorar - namorar
- (ii) arrancar - rancar
- (iii) está - tá
- (iv) José – Zé

b) síncope: apagamento de segmento medial, produzindo formas sincopadas.

- (i) lepore (lat) - lebre
- (ii) maior – mor

Em relação à síncope, há duas observações que podem ser feitas:

1. A supressão de glide provoca “monotongação”: manteiga - mantega
2. A síncope também ocorre nas palavras proparoxítonas (forma emprestada do latim clássico). Na fala coloquial, ela se transforma em paroxítona:

- (i) Chácara – [ˈʃakʁa]
- (ii) Xícara – [ˈʃikʁa]
- (iii) Abóbora – [aˈbobʁa]
- (iv) Fósforo – [ˈfosfʁo]

(v) árvore → [ˈarve]

c) apócope: apagamento de segmento final, produzindo formas apocopadas:

sole (lat) - sol

(i) muito – mui

(ii) freire – frei

(iii) formas infinitivas na fala, como “olhá” em vez de “olhar”.

2. Processos fonológicos de adição

Os processos fonológicos de adição podem ocorrer por acréscimos de consoantes, de vogais e de glides.

a) prótese: adição de segmento inicial, formando formas protéticas.

(i) mora (latim vulgar) - amora(Port.)

(ii) lembrar – alembiar

(iii) xingar – enxingar

b) epêntese: adição de segmento medial, formando formas epentéticas

(i) {inho} casinha – {zinho} pezinho

(ii) nos encontros consonantais. Digno [diginu]

(iii) formação de ditongos com adição de glides² (Adição de glides causa ditongação):

três -[ˈtreis]

mês - [ˈmeis]

rapaz - [raˈpaɪs]

arroz - [aˈroɪs]

(iv) os verbos terminados em “ear” (passear, barbear, homenagear, pleitear, manusear, etc.) recebem “i” em algumas formas do presente:

Eu passeio

Tu passeias

² Quando a semivogal é o “i”, diz-se “iode”.

Ele passeia

Nós passeamos

Vós passeais

Eles passeiam

c) paragoge: adição de segmento final.

No português medieval, houve acréscimo de [s] final em alguns casos:

(i) ante - antes

(ii) alhur -alhures

(iii) nenhur - nenhures

3. Processos fonológicos de transposição

Esse processo ocorre quando um segmento troca de posição dentro de uma mesma palavra. Pode ocorrer de três formas: transposição de consoantes, de vogais ou de elementos suprasegmentais (acento tônico).

a) Transposição de consoantes ou de vogais. Recebe vários nomes: comutação, permuta, deslocamento, metátese, hipértese:

(i) semper (latim) – sempre

(ii) super (latim) - sobre

(iii) desvairo – desvario

Na fala coloquial, ocorre com frequência a metátese:

(i) Paecambu (Pacaembu)

(ii) largato (lagarto)

(iii) cardeneta (caderneta)

(iv) drento (dentro)

b) Transposição de elementos suprasegmentais:

Quando ocorre a mudança de acento tônico de sílaba numa mesma palavra. Há um termo genérico para esse fenômeno: hiperbibasmo. No entanto há especificações. Se o acento se desloca para a sílaba posterior, recebe o nome de diástole:

- (i) Murmúrio - murmurio
- (ii) Nesse ínterim – nesse interim

Caso o acento se desloque para a sílaba anterior, tem-se o caso de sístole:

- (i) benção - bênção (formas paralelas)
- (ii) xerox – xérox (formas paralelas)
- (iii) rubrica - rúbrica (erro de pronúncia)
- (iv) cateter – cateter (erro de pronúncia)

4. Processos fonológicos de substituição

Nesse tipo de processo, enquadra-se toda alteração que um fone ou fonema venha a sofrer. Há diversos tipos de alterações, de consoantes e de vogais, que podem ser consideradas “substituições”:

a) Assimilação

Um segmento adquire propriedades do segmento que está próximo dele.

- (i) Campo [‘bãŋku]: [n] se torna velar por influência do [k]
- (ii) Queijo: o [k] (velar) diante de [e, i] torna-se palatal
- (iii) diante de uma vogal, a vibrante vira tepe. Ex. super **amigo**
- (iv) /s, z/: será surdo ou sonoro conforme a consoante que lhe segue. Ex. rasga, casca
- (v) O mesmo para o /r/: barco, cargo

b) Palatalização:

Quando o som de um segmento se torna palatal ou semelhante a ele.

Ex.: Queijo: o [k] (velar) diante de /e, i/ torna-se palatal

c) Africativização

Som torna-se africado. Ex.: a oclusiva alveolar [t] para torna-se africada palato-alveolar [tʃs] (tia, dia)³.

d) Retroflexão

Som torna-se retroflexo. Ex. porta (tepe para retroflexa)

e) Sonorização (ou abrandamento)

Som surdo se torna sonoro.

Ex.: [s] em final de sílaba e diante de fonema sonoro

(i) As ovelhas [azo'velas]

(ii) Mesmo [‘mezmu]

É interessante notar que a sonorização às vezes ocorre no processo de aquisição de linguagem pela criança. Em vez de “toca”, fala “doca”, ocorre o inverso, ou seja, a dessonorização: “burro” por “purro”.

Na evolução histórica, também houve sonorização de muitos fonemas:

(i) acutu – agudo

(ii) aurifice – ourives

(iii) acetu - azedo

f) Metafonia

Alteração no timbre da vogal tônica por influência de uma vogal átona posterior:

(i) ovo – ovos (ó)

(ii) devo – debes (é)

(iii) subo – sobes (ó)

Em geral, só em posição tônica há abertura das vogais portuguesas. A fala típica do Nordeste, porém, é caracterizada pela abertura das vogais pretônicas:

(i) coluna (ó)

³ Esse exemplo específico também é um caso de palatalização.

(ii) Verônica (é)

g) juntura intervocabular ou sândi (vem de “sandhi”, da antiga gramática hindu, termo que significa “colocar juntamente”). Ocorre em fronteira de duas palavras:

(i) rapaz [rapas]

(ii) rapaz alegre [rapazalegre]: junto da vogal, [s] se torna [z].

h) labialização: quando um segmento torna-se labial (arredondado)

Ex.: osso [oso]

A consoante se tornou labializada por ocorrer entre vogais arredondadas.

i) decaimento

Fenômeno fonético em que o fone se transforma em outro.

Ex.: lote [lóti]: o “e” se torna “i” em final de palavras

j) yeísmo

Troca de fonema por [i]

(i) telha [teia]

(ii) relho [reio]

(iii) lote [lóti]

k) rotacismo:

Vício de linguagem que consiste em pronunciar o som [r] no lugar de outro fonema.

(i) voltar [vortar]

(ii) Cleuza [creuza]

Considerações finais

Os processos fonológicos segmentais são fenômenos que envolvem tanto a Fonética quanto a Fonologia, razão pela qual se discorreu neste artigo sobre os princípios dessas duas ciências que tratam do som da língua.

Dos quatro tipos de processos apresentados (apagamento, adição, transposição e substituição), não há dúvidas de que o mais complexo é o processo de substituição, em virtude das dezenas de casos que poderiam ser elencados, muitos deles relacionados entre si, como, por exemplo, a assimilação, que abrange outros tipos, como palatalização, sonorização, labialização.

Mas, apesar do grande número de processos fonológicos segmentais, este artigo teve o intuito de sistematizá-lo, classificando os vários tipos para contribuir a um melhor entendimento do nível linguístico fonético/fonológico.

Referências Bibliográficas

BISOL, Leda (org). **Introdução aos estudos da fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 286 p.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. 2. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Editora Nacional, 1970. 316 p.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. Tese (livre-docência) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1981.

_____. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 208 p.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. 125 p.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001. 203 p.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975 [1943]. 147 p.

JAKOBSON, Roman. **Fonema e fonologia**. Tradução e notas com um estudo sobre o autor por J. M. Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967. 200 p.

LAMPRECHT, Regina Ritter et al. **Aquisição fonológica do português**: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004. 232 p.

LOPES, Edward. **A identidade e a diferença**: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa. São Paulo: EDUSP, 1997. 380 p.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 1999. 254 p.

TRUBETZKOY, Nikolai Sergueevitch. **Principes de Phonologie**. Trad. J. Cantineau. Paris: Klincksieck, 1957 [1949]. 396 p.